

DO NOQUIXOTE

Publicação de Angelo Agostini
Largo da Carioca 4 (Sob.)



- S. P. — Então, vê-se bem o numero?
 D. Q. — Perfeitamente, está bem assim.
 S. P. — Nesta época de tantos centenários, não podia deixar passar o nosso despercebido.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, afim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE áquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como áquelles que ainda estavam em atrazo.

Continúa a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

O DON QUIXOTE

RIO, 28 DE OUTUBRO DE 1899.

Nosso centenário

Completamos com este numero o nosso primeiro centenário.

Geralmente convidam-se os amigos e festeja-se esse dia, trocam-se discursos e saudações, soltam-se foguetes e viras, faz-se mais ou menos barulho, chama-se a attenção do publico e publicam-se os cumprimentos, etc.

Aqui, nada d'isso; o autor dos cem numeros do DON QUIXOTE já tem publicado muito mais de mil em outros jornaes, e desde que entrou na espinhosa mas muito nobre carreira da imprensa, em S. Paulo e no Rio de Janeiro, manteve sempre o seu programma de só tratar do bem publico e do progresso material e social do paiz.

Desde 1865 até hoje, apenas com algumas interrupções, que sommadas dão cerca de sete annos de ausencia na lide jornalística, sustentou sempre e com a maior coherencia a sua missão, sacrificando seus interesses e ás vezes a vida aos interesses da nação, combatendo com mais ou menos energia os abusos ou as acções de quem quer que fosse que tentasse desprestigial-a.

Tendo consciencia de ter cumprido seu dever, vê, todavia, e com grande pezar, que todos os seus esforços em pròl do bem publico para pouco ou nada têm servido.

A não ser a abolição, que para obter a tanto trabalhou, tanto fustigou com seu lapis os mãos senhores de escravos, tudo o mais está no mesmo; e si materialmente a

cidade tem melhorado em seus edificios é unicamente devido á iniciativa particular.

Quanto á parte moral e social... é doloroso dizel-o, mas é a pura verdade, tem peiorado de um modo espantoso!

Por isso que, longe de o alegrar, este centenario o entristece.

O que esperar de um povo cuja apathia é a principal causa de seus males e de seu atrazo?!

Ha só uma cousa que o preoccupa, que o faz mover, que o faz discentir, que o anima, que o agita, que o commove, e isto tanto na casa do rico como na do pobre, tanto as mulheres como os homens, os velhos como as crianças, e esta cousa é saber: qual foi o que ganhou hoje?

O Perú ou o macaco?

O jacaré ou a cobra?

E, dizendo isto, está tudo dito!

Pobre paiz!

CHAPEAU BAS

Eu não comprehendia e achava até feio o uso de conservar o chapéo na cabeça no parlamento inglez.

Parecia-me uma excentricidade d'esse povo, que passa por ser o mais excentrico de todos.

A leitura do seguinte telegramma modificou algum tanto a minha opinião; este diz:

«Na Camara dos Communs, quando o S. James Balfour, primeiro lord da Thesouraria, annunciou que o general Symons, commandante em chefe da praça de Glencoe, foi ferido em combate contra os boers, todos os deputados, que, segundo o uso adoptado, conservam o chapéo na cabeça durante as sessões, descobriram-se espontaneamente, prestando assim uma homenagem nacional ao bravo official superior ferido no campo da honra.»

Parece-me estar vendo aquellas tampas de variados feitios descobrirem, em movimento unisono e rapido, centenas de cabeças não menos variadas quanto ao physico, mas igualmente unisonas no sentimento de respeito assim manifestado aos que derramam seu sangue pela patria.

Sim, senhor! O effeito devia ser bonito e imponente!

Já não acho tão feio o uso de conservar o chapéo na cabeça.

EM SANTOS

O negocio é grave, gravissimo!

«O Dr. Chapot Prévost encontrou o ceco-bacillo de Yersin no sangue do caixeiro!»

Foi o Dr. Nuno de Andrade quem recebeu esse telegramma expedido de Santos.

Por ali se vê que o illustre bacteriologista não esperou os quatro dias que declarara serem necessarios para descobrir o terrivel ceco, o funesto bacillo!

Foi no Grande Hotel, onde se hospedara, que o illustre microbiista fluminense certificou-se da existencia da meionha peste.

Transformando essa casa em novo Instituto Pasteur e estabelecendo n'ella o seu laboratorio, entregou-se com todo o ardor e sem perda de tempo aos importantes estudos agricolas, zoologicos e scientificos em poreos da India, ratos, gallinhas e coelhos.

Como todos sabem, a sciencia moderna, á testa da qual esteve o celebre Pasteur, descobriu n'este seculo de maravilhas mais uma cultura que em nada se parecendo com a das batatas e outras tantas cousas destinadas á alimentação do corpo humano, nem por isso deixa de ter uma importancia capital sobre este.

Esta cultura é a microbiana ou dos bacillos *coccos* ou sem *coccos*, habitantes do nosso organismo, que contém 348.959.114.450.359 bilhões de microbios.

Os scientificos agricultores que cuidam d'esse genero de cultura, descobriram por meio de accurados e pacientes estudos, auxiliados com aperfeiçoados e poderosos microscopios, alguns d'esses bacillos, productos ou causadores de certas molestias, peiores ainda do que a tífirica ou herva de passarinho, tão prejudicial á nossa lavoura.

Cmo não pretendemos aqui tratar de sciencia, da qual não pescamos nada, apenas citaremos dois dos terriveis bacillos: o da tísica ou tuberculose, que é um dos que maiores estragos faz, e o da bubonica peste, que está na ordem do dia.

Ao primeiro deram o nome de Koch e ao segundo Yersin.

Bacillo Koch e bacillo Yersin!

Bem máo gosto tiveram esses sapientissimos mestres em acceitar ao lado de seus nomes taes bacillos!

Parando aqui n'este pequeno cavaco scientifico — á nossa moda — voltemos ao que se passa em Santos ácerca da peste bubonica ou peste Yersin, tambem denominada Yersin-Kitasato, que pelo nome não perca.

Imaginem os leitores a cara que deviam fazer o dono do Grande Hotel e todos os hospedes que o habitam, vendo o Dr. Chapot Prévost, sem a menor cerimonia e só com a idéa fixa de descobrir bacillos, levar para alli toda aquella bicharia, preparar todos os seus petrechos scientificos e bacteriologicos, microscopicos e agricolas, para applicar as colleitas recolhidas do menor João Fonseca e outros, inoculando-as em ratos, gallinhas, coelhos, etc., sem se

lembrar que d'esse modo também inoculava o maior terror a toda aquella gente, que bem longe estava de suppôr que um homem de sciencia, encarregado officialmente de verificar a existencia da peste, fôra levar esta para um hotel!

Mas é que o illustre sabio resolvera de repente ter em 24 horas, em lugar de quatro dias, profunda e bubonica convicção da existencia real da peste em Santos.

Fechando-se no seu quarto, transformado em laboratorio, viveu e conviveu com os bacillos, colheu e recolheu colheitas, observou ratos e câmondongos, consultou coelhos, gallinhas e cobayas, microscopizou bacillos colhidos da Rosa e outros do Fonseca, saturou-se emfim de tudo quanto ha de mais scientifico n'esse ambiente bacteriologico, e d'elle sabiu triumphante, dizendo:

« Infelizmente estou plenamente e irrevogavelmente convencido, e desafio a contestação de todos os bacteriologistas do mundo; é o bacillo de Yersin, é a peste bubonica. »

Como se vê, as 24 horas foram bem aproveitadas.

Antes da sciencia fluminense fallar, já a sciencia paulista, representada pelos Drs. Lutz, Oswaldo e outros, tinha dado seu parecer, que é igual ao do Dr. Chapot Prévost.

Este distincto medico, voltando a si e com a cabeça completamente despida de microbios, sahio do mundo scientifico para entrar no pratico, vendo-se de repente posto no olho da rua do hotel onde fizera seu laboratorio, e obrigado a mudar seus penates para a rua do Rosario, onde levou toda a geringonça scientifico-bacteriologica.

O motivo d'essa rapida mudança foi esta intimação:

« De ordem do director do serviço sanitario, o chefe da commissão aqui intima o intendente municipal a isolar o Grande Hotel ou a mudar o Dr. Chapot, por ter ahí culturas vivas da peste bubonica, retiradas do hospital. »

Escusado é dizer que o dono do Grande Hotel, sentindo-se livre de tamanho e scientifico perigo, deu graças a Deus, ao Dr. Ribas, director sanitario, e ao Dr. E. Lopes, chefe da commissão em Santos; mas também não duvidou em mandar para todos os diabos o bacteriologista fluminense com toda sua sciencia, seus coelhos, ratos, microscopios, gallinhas, bacillos, etc. etc.!

A quantos dissabores estão sujeitos os homens da sciencia!

APPELLO EM VÃO

« O presidente Kruger appellou para o deus dos exercitos.

Nós acceitamos o appello com a certeza de que defendemos uma causa justa, disse o ministro Chamberlain. »

Eu só queria saber quem é esse deus para quem appellam?

Antigamente, antes da era christã, havia um deus que se chamava Marte e até uma deusa conhecida pelo nome de Bellona, que os romanos consideravam como deuses da guerra. Não eram casados, nem mesmo atraz da porta, e não consta terem elles deixado descendentes.

No tempo do paganismo a divindade era dividida e subdividida em varias especialidades.

No Olympo havia deuses para tudo; tanto para a guerra como para a paz, para o amor como para o odio, para a dansa e para a musica, para o vicio e para a virtude, para as flôres e para as frutas, para a agricultura, para o commercio, para a industria, para a sciencia e até para a bebedeira!

Baccho, Minerva, Vulcano, Mercurio, Ceres, Pomona, Flora, Priapo, Euterpe, Terpsychore, Proserpina, Venus, Bellona, Marte e muitos outros deuses e deusas, sob a direcção de *papá Piter*, o deus dos deuses, eram encarregados de attender, tanto de dia como de noite, aos negocios dos simples mortaes habitantes d'este mundo sub-solar e sub-lunar.

✽

Como nada ha de eterno n'este mundo, ninguém mais falla de Jupiter nem de todos os deuses *immortues* d'aquelle tempo, a não serem os livros que tratam da mythologia, sublime e poetica fôrça inventada pela imaginação fantastica e ardente dos nossos antepassados.

Hoje ha só um Deus para os christãos, que é o Padre Eterno; velho respeitavel que todos veneram e acatam, que nos dizem ser bondoso e misericordioso, que fez este mundo e resolveu descangar até hoje.

Os inglezes e os boers são christãos e creio que elles não têm outro deus sinão esse que também é o nosso...

Que deus dos exercitos é então esse para quem elles appellam?

Será realmente para o Padre Eterno?!

Parece-me estar ouvindo o Divino Velho resmungando: Ora, deixem-me em paz!

Parece incrível que depois de tantos mil annos os homens ainda tenham tão pouco juizo!

Carne, osso e inveja

Admira-nos ver um jornal conceituado, como é *A Imprensa*, acceitar nas suas columnas editoriaes artigos estapafúrdios e mentirosos, cheios de disparates e repletos de tantas falsidades, que só a fantasia irritada e esfomeada de um despeitado poderia inventar!

O tal artigo foi publicado no dia 24 do corrente, sob o titulo *Carnes Verdes*. E, na verdade, verdes são ellas para o tal articulista, que muito se parece com a raposa da fabula de La Fontaine, que, não podendo alcançar uns bellos cachos de uvas, disse: *Trop verts et bons pour des goudats*.

Para se ter uma idéa dos taes disparates, transcrevemos alguns topicos:

« Comprehende-se a existencia de monopolios necessarios, d'esses que a lei estabelece por uma razão de utilidade publica, por serem condições necessarias para a existencia de certas empresas, já pela natureza dos serviços que executam, já para segurança e aggremação de capitaes que ellas reclamam.

Ora, o monopolio assegurado á empresa das carnes verdes por um contrato irritado é nullo *pleno jure*, não se justifica nem por uma exigencia ao bem publico, e menos ainda pelo lado das garantias exigidas pelo capital empregado em tal empresa. »

Na opinião, portanto, d'esse criterioso articulista, a principal alimentação dos seiscentos ou setecentos mil habitantes d'esta capital e suburbios não constitue objecto de utilidade publica!

O capital necessario a empregar-se antes da empresa começar a funcionar é igualmente uma ridicularia que não necessitava de garantias!

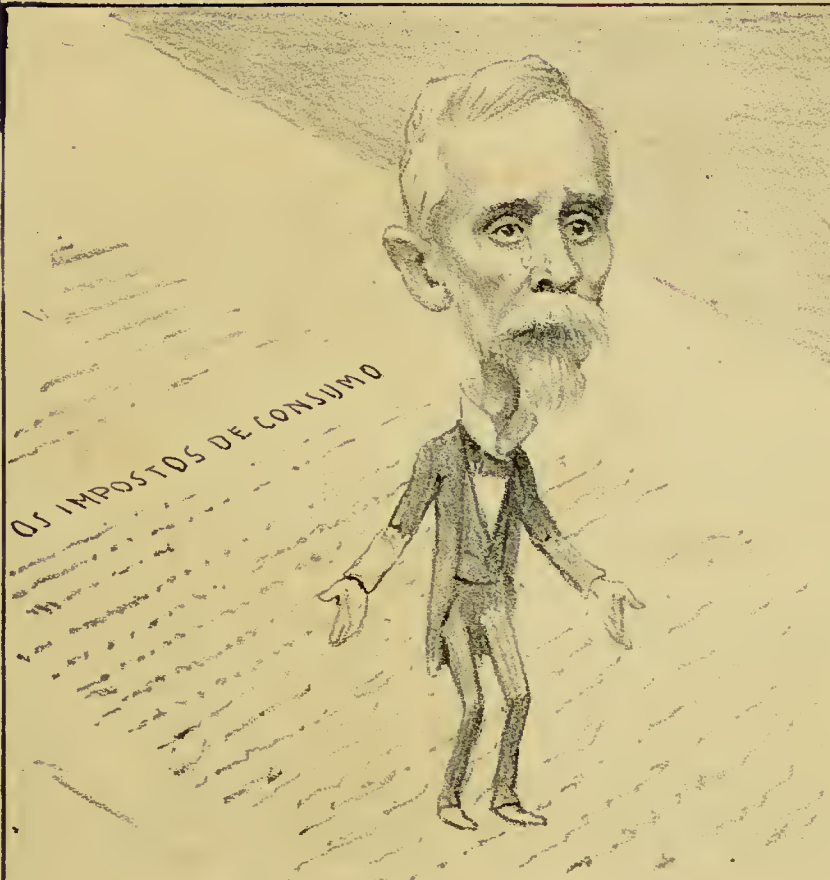
O contrato exigindo um *stock* diario e constante, durante cinco annos, de tres mil bois, fóra os necessarios para a matança diaria, cuja média é de trezentos e cincoenta, mais ou menos, não obrigava a grande emprego de capital!

O articulista calculou que por pouco mais de *meia pataca* compra-se gado em pé ou mesmo deitado! Fretar vapores, preparar-os, comprar mesmo alguns, para maior garantia e regularidade no cumprimento do contrato, caso seja preciso importar gado do Rio da Prata, em falta do nosso, que sempre tem a preferencia, também não custa nada, na abalisada opinião d'esse impagavel articulista!

O que ha de mais extraordinario ainda é esta sua declaração, que transcrevemos:

« A empresa das carnes verdes não empregou um vintem de capital seu na exploração d'esse monopolio! »

Choradeiras!



O Sr. presidente da Associação Commercial deitou choradeira pelo "Jornal" (dia 20) em nome do Commercio sobre os impostos de consumo e queixou-se amargamente da "indiferença da imprensa illustrada sobre esse assumpto."



Tambem chorando, Sancho queixa-se igualmente da "indiferença do nosso generoso Commercio para com a imprensa illustrada."



A lavoura tambem chora. Esta é chorona por natureza...



Antigamente, chorava pedindo braços e teve a ventura de ver cahir uma chuva d'elles e cahiram braços em penca!



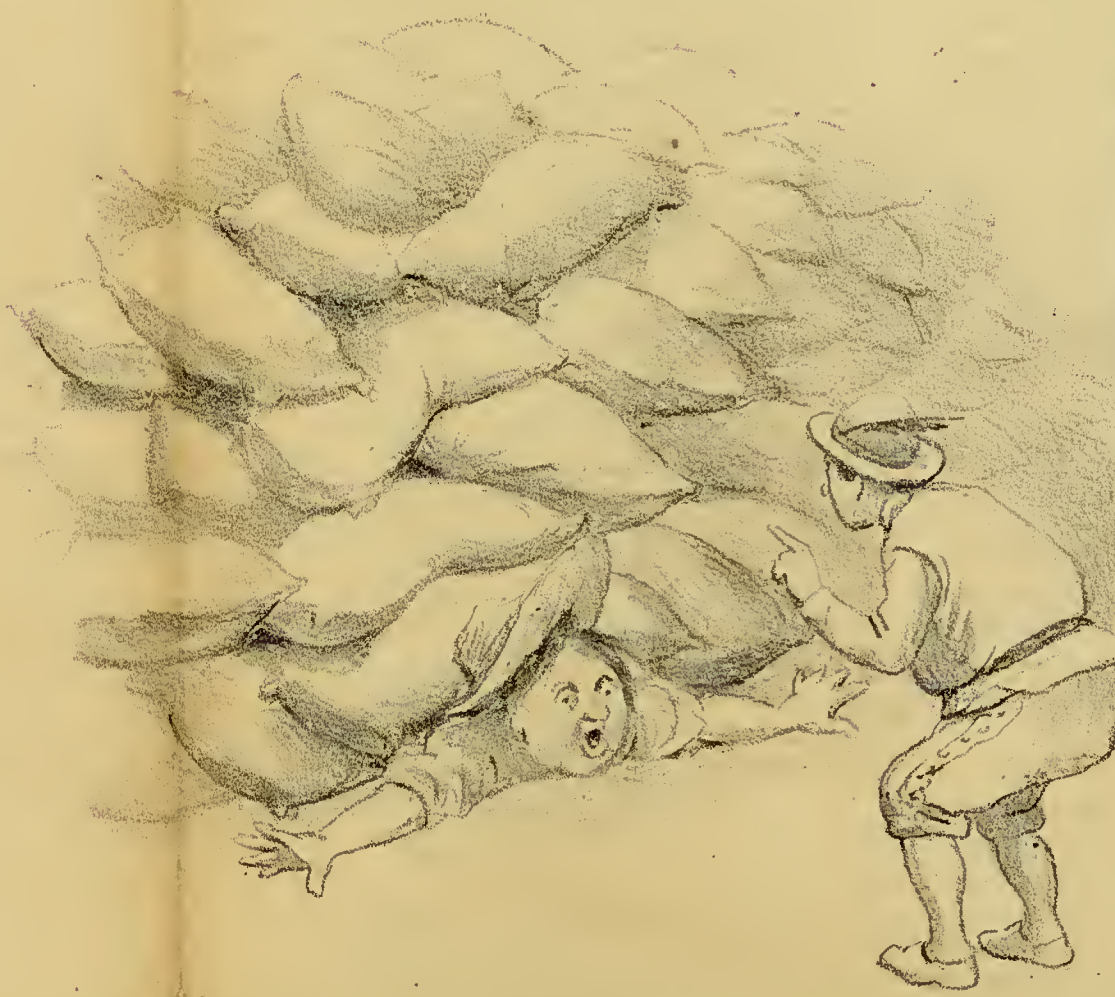
Esta chuva trouxe outra que a encheu da mais justa e rica alegria!



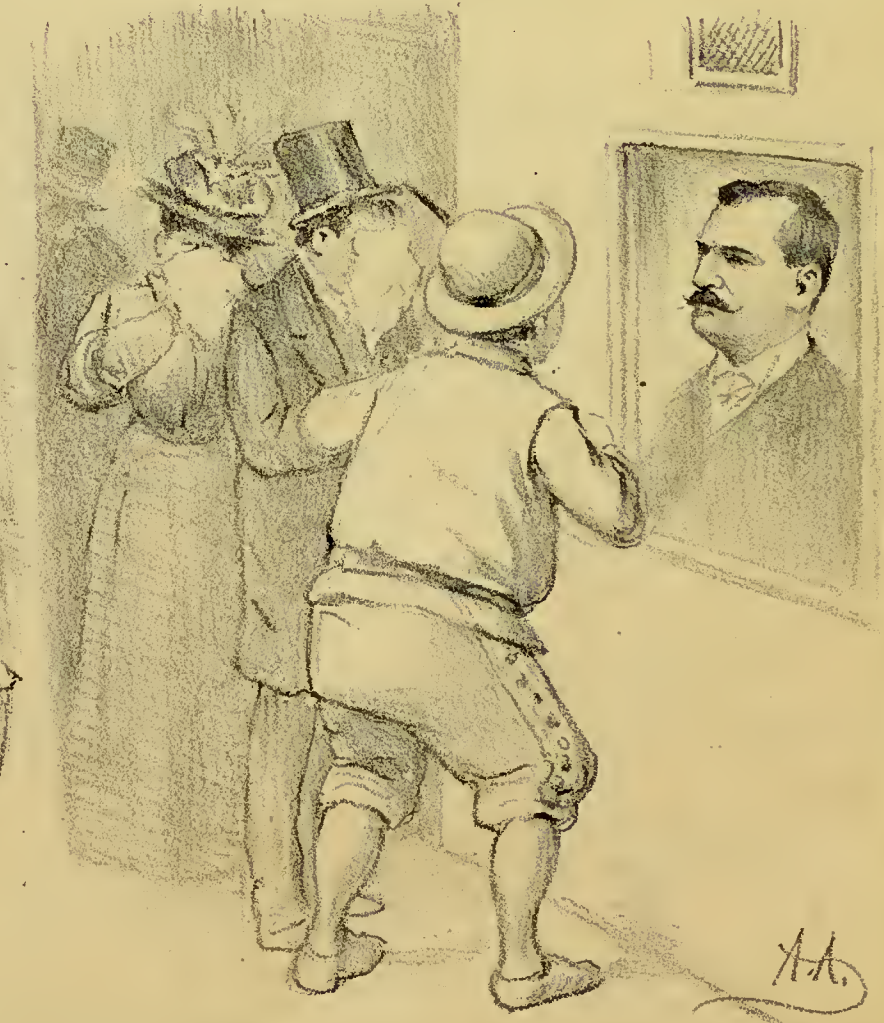
Os taes braços a desenvolveram tanto, que não tardou a tomar as formas de um colosso! Colhia e empilhava café a valer!



A' força de tanto empilhar, começou a scismar!



Final, aconteceu o que era de esperar! Eram tão altas as pilhas, que um bello dia... Zás! E é esta a actual posição da lavoura!!! — Não é só de braços que precisavas, mas tambem de cabeças!..



Sr Succ, actualmente a choradeira é geral devida á tremenda pindalhyba que victima nosso povo. Bem poderia o Sr. prestar um grande beneficio ensinando-lhe o meio de viver sem comer.

Ora vejam! Quem sabe si não foi o Papa que enviou os cobres?!

E, provavelmente, acompanhados da sua benção apostolica, pois que, segundo o calculo do tal typo, « a empreza recebe diariamente, em dinheiro, cincoenta e oito contos de réis de lucro! »

O que produz annualmente um lucrosinho de vinte e um mil cento e setenta contos!

Não ha que ver; é uma empreza abençoada!

Que felizardos!

* * *

O que é realmente impagavel é a seriedade com que o tal articulista pede ao prefeito declarar caduco o tal contrato «que violou o principio moralisador da concurrencia publica e foi mercê outorgada a um particular. Que, além d'isso, ha quem se obrigue a fornecer actualmente carne a 400 réis menos o kilo.»

E' provavel que o prefeito terá dito comsigo ao ler tamanhas mentiras:

Este sujeito é um imbecil ou um espectralhão. Ignora ou finge ignorar que esse contrato foi escolhido como o mais vantajoso de todos, em uma concurrencia publica, á qual se apresentaram nada menos de 17 propostas. Diz que ha quem forneça carne a 600 réis o kilo, o que seria pouco mais de 100 réis si o cambio estivesse ao par...

Não ha que ver, é um idiota que não sabe que hoje 1\$000 não valem mais de 300 réis.

Nunca o publico foi tão bem servido n'este principal genero de alimentação como o é agora. O preço estabelecido a tanto o kilo, segundo a tabella do cambio, obedece a um principio sério, commercial e justo. O povo sabe hoje antes de comprar a carne, quanto terá de pagal-a ao açougueiro, que não pôde, como antigamente, impôr-lhe o preço á sua vontade. Que mais querem?

* *

Ora, o que querem os inimigos da empreza bem o sabemos nós.

Si esta, em lugar de auferir lucros, que não são certamente o que se suppõe, soffresse graves prejuizos, ninguém fallaria n'ella nem em monopolios, nem em cousa alguma.

O caso é este: Eram 17 proponentes; um foi o escolhido e entregou-se-lhe a carne. E' claro que os ossos ficaram para os outros.

Gritam, esbravejam, berram, pintam o diabo! Nada mais natural! A inveja é uma fraqueza humana e os invejosos não faltam. Tudo isto é muito natural!

O que não o é, o que até é muito feio, é vir dizer que a Prefeitura violou o principio moralisador da concurrencia, quando é justamente o contrario.

O tal Sr. articulista é quem violou o principio moralisador da imprensa, servindo-se d'ella para enganar o publico, faltando á verdade.

Sentimos muito que um jornal como é *A Imprensa*, que tanto consideramos, tenha acceitado semelhante artigo.

Com certeza não o lêram antes de publicar.

PAGUE E NÃO BUFE!

CONSIDERAÇÕES FINANCEIRAS

Apezar de querermos fugir ao trocadilho, não podemos deixar de confessar que ninguém como o Dr. Murtinho teve a louvavel e patriótica franqueza de fazer já por duas vezes na sua qualidade de ministro de estado dos negocios da fazenda, conhecer o máo estado dos negocios da mesma.

Conhecer o mal já é grande vantagem para poder remedial o.

Na sua qualidade de medico, não sabe qual a medicina mais efficaz para curar nosso estado financeiro, tão gravemente compromettido. Nem a homeopathia nem a allopathia podem servir para o caso.

O paiz soffre de uma gastrite medonha! Sobrecarregou voluntariamente seu estomago de tal modo, e foram tantas as indigestões que hoje a curaserá difficil e, sobretudo, muito lenta!

Pouco depois de proclamada a republica, commetteu as maiores imprudencias e d'ahi lhe resultaram os primeiros symptomas de uma febre, que pouco a pouco foi augmentando a ponto de o fazer perder o juizo, que já não era muito.

Essa febre que o fez delirar durante dois ou tres annos, era a febre das grandezas, a febre das grandes companhias e emprezas mais ou menos fantasticas, em que se dobrava o capital em poucos dias; era aquella febre em que os ricos empregavam todo o seu dinheiro, hypothecavam ou vendiam todos os seus bens e trocavam uns valores reaes em troca de outros imaginarios, representados por papel!

E como este nosso povo sempre teve um fraco pela papelada, a ponto de preferir a moeda papel á libra esterlina, que chegara até a vender-se por 8\$500, quando ellas andavam por ahi aos pontapés (oh! desgraçado!), encheu-se por tal modo de titulos, debentures e acções de uma infinidade de companhias, que sobreveiu-lhe a mais tremenda indigestão de papel de que ha

memoria nos annaes financeiros, tanto do novo como do velho mundo!

Os ricos ficaram pobres e os pobres espartos ficaram ricos!

Essa febre, que se chamou *encilhamento* e que tanto estragou a saude particular e financeira da maioria do nosso povo, foi seguida de outra ainda mais funesta, produzida pela ambição politica.

A febre da revolta, que quasi deu cabo de uma vez do canastro d'este pobre e infeliz paiz, colloco-o em tal estado de debilidade, que si não fosse a prudencia do governo civil que substituiu o militar, suas medidas economicas e o empenho em fazer face aos compromissos anteriormente tomados, sustentando moralmente d'este modo nosso credito, o paiz teria esticado a bota, financeiramente fallando, e Deus sabe o que teria sahido de tão medonha quebradeira!

O governo do Dr. Campos Salles, que tem o mesmo empenho em levantar o nosso credito moral e financeiro perante as nações estrangeiras, não pôde deixar de empregar os meios precisos para esse fim, embora pareçam desagradar como desagradam geralmente aos doentes os remedios que se lhes applicam para os curar.

Ainda não vimos ninguém tomar vomitorios ou oleo de ricino sem fazer caretas.

Infelizmente, e apezar da habilidade do nosso medico assistente, que é o ministro da fazenda, a saude do paiz muito deixa a desejar, sendo isto principalmente devido á incapacidade absoluta dos encarregados no Congresso de preparar os medicamentos.

Um dos principaes, como se sabe, é a tarifa da Alfandega. Pois parece que ella está feita de tal modo que, si fôr applicada sem corrigil-a, o paiz corre sério risco de morrer, não da molestia mas da cura!

E d'isto tivemos uma prova lendo o ultimo discurso do Sr. Serzedello Corrêa, que é d'entre os poucos deputados que trabalham o mais activo, quem mais estuda e quem mais toma a peito essas questões.

Não podemos aqui naturalmente tratar d'esse discurso que combate a actual tarifa, não temos espaço para isso; só o *Jornal do Commercio* é que pôde ter esse luxo.

Mas para declarar que a maior desgraça d'este paiz provém justamente do nosso Congresso, que sempre se mostrou profundamente ignorante em questões economicas, industriaes e commerciaes, para isso o temos, assim como para declarar que os nossos maiores males provém d'elle.

Quanto á questão de impostos contra os quaes tanto se falla, estamos convencidos de que tanto nacionaes como estrangeiros os pagariam de bom grado e sem resmungar, si todos trabalhassem e ganhassem di-

nheiro, si o commercio e a industria estivessem na maior actividade e a lavoura em melhores condições, mas...

Como já dissemos, o paiz está seriamente enfermo e... não ha remedio sinão fazer collectivamente por elle o mesmo que particularmente fazemos por nós quando estamos doentes.

Qual é o cidadão que não protesta indignado contra o preço de qualquer receita aviada em qualquer pharmacia, chamando de assassinos e ladrões todos os boticarios d'esta capital e suburbios!

Entretanto, elle precisa do medicamento, e por isso... paga e não bufa.

O caso é o mesmo; o paiz está gravemente doente e o imposto é o preço do remedio.

E' pagar e não bufar!

D'AQUI E D'ACOLA'

O ACTOR CHABY E O BARBEIRO

— O que?! Mil réis para me fazer a barba? O dobro do que cobra aos outros?

— E não é muito; sua cara vale bem por duas. Quanto paga o senhor ao seu alfaiate? não será tambem o dobro do que pagam os outros?

NO NECROTARIO

O cadaver de um afogado, já em estado de putrefacção, acha-se sobre uma das mesas; entram dois bebedos e olham para elle:

— Veja em que estado se fica com o beber agua!

— Por isso é que não a bebo nunca, por mais sede que tenha!

NO TRIBUNAL

Juiz — Na casa em que entrara, o que estava tomando quando a policia deu comsigo?

Gatuno — A resolução de pôr-me ao fresco!

MEDICO E AUTOR DRAMATICO

Medico — Acho-o muito abatido... Esta sua pallidez denota grande cansaço... Vejo que trabalha muito (com ironia) para a immortalidade!

— E' possivel; mas não tanto como o doutor para a mortalidade!

AS CRIANÇAS

— O que é isso, menino? Estás com um gallo na testa! Onde se machucou?

— Foi na sala.

— Mas não te ouvi chorar...

— Pois eu estava sósinho...

NA ESCOLA

Professor — O menino tem seis bananas; si tirar tres quantas ficam?

Menino — Não sei... ficam seis...

Professor — Como? Pois tendo seis, peço-lhe tres...

Menino — Mas é que não lh'as dou!

ENTRE DOIS GATUNOS

Ao encontrarem-se, diz um d'elles:

— Como vai você?

— Vou indo assim assim...

— Vamos tomar alguma cousa?...

— A quem?...

MÃI SEVERA

— Veja, mamã, aquelle moço, lá das cadeiras, como está sempre com o binoculo assestado para o nosso camarote; isto é decente?

— Mais indecente és tu, que o olhas a olhos nús.

ENTRE ROCEIROS

— A primeira vez que ouvi uma opera cantava um tenor, que diziam ser uma celebridade; chamava-se Tamagno...

— E que tal?

— Homem, não gostei. Nem siquer era capaz de cantar a opera até o fim, sem que dois ou tres cantores, e ás vezes mais, o ajudassem!

DUPLO DESGOSTO

Medico — Examinei bem seu pé e vejo que, si não o tratar convenientemente, a ferida póde aggravar-se e ser talvez preciso a amputação.

— Veja só que caiporismo, doutor! O meu sapateiro trouxe-me hoje um bonito par de botinas que lhe encommendei ha dias!

A CRITICA DE X

O amigo X, que é um bohemio, dirige-se ao redactor chefe de um jornal e pede-lhe um emprego como redactor ou collaborador, encarregando-se da critica tanto theatral como litteraria.

— Mas, terá o senhor habilitações especiaes para escrever artigos d'esse genero? Para critico é preciso ter certos conhecimentos...

— Oh! por isso póde ficar descansado; ninguém conhece melhor as situações criticas do que eu!

NA DELEGACIA

— Porque não entregou a nota de 200\$, que diz ter achado?

— Entreguei-a, seu doutor.

— A seu dono?

— Não, seu doutor; entreguei-a á circulaçào!

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

RELATORIO do ministerio da fazenda, acompanhado de dois annexos, obra tão importante quanto colossal, apresentada pelo ministro de estado dos negocios da fazenda, Dr. Joaquim Murtinho

REVISIA Commercial, n. 4, sob a direcção do Sr. Remigio de Bellido e publicada mensalmente em Sorocaba — Folheto

interessante e trazendo capa fóra do common.

ILLUSTRAÇÃO Commercial — Publicação semanal contendo unicamente annuncios. D'entre os muitos que lá vimos, não encontrámos um de que essa publicação tanto precisa para fazer jus ao seu pomposo titulo de *Illustração*. Aconselhamos-lhe que annuncie o seguinte: Este jornal precisa de um desenhista para illustrar seus annuncios.

INDICAÇÕES uteis e praticas para o uso dos banhos de mar, pelo Dr. F. Catão, director do Instituto Kneipp. Recommendamos esse folheto aos *habitués* das praias do Boqueirão, Flamengo e outras, onde costumam ir mergulhar, no salso elemento.

O BANDOLIM — Órgão official da Estudantina Areas, n. 1. Este jornal, côr de rosa, de formato e aspecto sympathicos, contém artigos muito interessantes. São seus redactores os Srs. Augusto Marinho e Lopes Coelho, que tambem acceitam diversos collaboradores.

O roseo collega declara que, adoptando sem pretensões uma forma levemente litteraria, vem hoje, como pequeno e modesto *Bandolim*, occupar o mais obscuro logar na orchestra litteraria.

Seja, pois, bem vindo, e que sua harmonica voz se faça ouvir por longos annos.

ENSAIOS Juridicos dos alumnos do 2º anno do Instituto Juridico Academico, fasc. 2º.

Excellente publicação que traz, além de artigos scientificos sobre Direito, um noticiario interessantissimo. Publica-se em S. Paulo.

CONVITE do Sr. Paschoal Segreto para assistir á inauguração de novas vistas no seu salão de novidades *Paris no Rio*.

O Paschoal, assim como seu irmão, não se tem poupado para apresentar ao nosso publico os meios de distrahir-o, chamando a sua attenção para as maiores novidades.

Hoje não ha quem não conheça o seu Animatographo, onde se admiram as photographias animadas, uma das mais bellas invenções d'este seculo.

Actualmente é o Succi quem se acha exposto em seu *Salon*, mostrando que se póde viver sem comer, o que muito tem admirado a sujeitos que só vivem para comer.

E como os Segretos não param em procura de novidades, descobrimos um dia d'estes, lá no fundo de seu estabelecimento, um gato com chifres!

Si agora o publico, á vista da nossa indiscreção, lhes perguntar: Onde está o gato? Não terão remedio sinão mostral-o.

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL

Peste bubonica.

GRANDE
HOTEL



Apenas chegando a Santos, o Dr. Chapot tratou de arranjar a bicharia mais apropriada para certificar-se da existência ou não da terrível peste bubônica.



Em um quarto do Grande Hotel, transformado em laboratório, o illustre sabio entregou-se aos mais minuciosos e microscópicos estudos bubônicos, poderosamente auxiliado pelos seus quatro colaboradores.



Concluindo seus estudos bacteriológicos, o Dr. Chapot Prevost declarou: "Infelizmente estou plenamente e irrevogavelmente convencido, e desafio a contestação de todos os bacteriologistas do mundo; é o bacillo de Yersin, e a peste bubônica."